



## A IMAGEM DA IMPERATRIZ ÉLIA EUDÓXIA: UM CONFRONTO DE REPRESENTAÇÕES NA ANTIGUIDADE TARDIA

João Carlos Furlani  
Mestrando em História – UFES

**RESUMO:** Os conceitos de imagem e representação estão presentes em diversos trabalhos historiográficos, sendo eles alvos das mais variadas críticas e reformulações. Todavia, não são, de modo algum, fruto exclusivo da academia. A ideia de imagem e representação está intrinsecamente ligada à sociedade como um todo, sendo eles explicados das formas mais singelas ou complexas, como a representação simbólica, que é relativa ao significado, ou ao símbolo que o representante tem para aqueles representados, ou mesmo como a simples compreensão da matéria factual. Com tal discussão em vista, temos como por objetivo, neste trabalho, analisar algumas situações responsáveis pela construção da imagem de Eudóxia, imperatriz de Constantinopla, entre os séculos IV e V, a qual foi alvo de constantes críticas pela narrativa e historiografia cristã por longo tempo, mas que, recentemente, recebeu novas perspectivas sobre sua imagem, questionando as abordagens tradicionais.

**Palavras-chave:** Antiguidade Tardia; Representação; Imagem; Élia Eudóxia.

**ABSTRACT:** The concepts of image and representation are present in various historiographical works, they are targets of the mixed reviews and reformulations. However, they are not, in any way, exclusively the result of the academy. The idea of image and representation is intrinsically linked to society as a whole, they are explained of the simplest or complex forms: as the symbolic representation, which is related to the meaning, or symbol that the representative has to those represented, or even as the mere understanding of factual matter. With this discussion in mind, we have as the objective, in this study, analyze some situations responsible for building the image of Aelia Eudoxia, Empress of Constantinople, between the fourth and fifth centuries, which was targeted by constant criticism by Christian narrative historiography for long time, but that recently received new perspectives on your

image, questioning traditional approaches.

**Keywords:** Late Antiquity; Representation; Image; Aelia Eudoxia.

## Introdução

Em uma conversa informal, num pequeno texto, artigo de opinião, ou mesmo neste breve trabalho, uma coisa, é inevitavelmente comum, a tentativa de se expressar, de se fazer inteligível. E isso é possível mediante a linguagem e um conjunto de símbolos compartilhados. Todavia, outro fator importante na comunicação social é a utilização de conceitos, esses entendidos aqui como aquilo que se concebe no pensamento sobre algo ou alguém. Um modo de pensar sobre algo, consistindo em um tipo de apreciação mediante uma opinião manifesta tanto negativa quanto positiva. Pode ser ainda um símbolo mental, uma noção abstrata contida em cada palavra de uma língua que corresponde a um conjunto de características comuns a uma classe de seres, objetos ou entidades abstratas, determinando e definindo o que é o que não é.

Filosoficamente, o conceito incide sobre uma representação mental e linguística de um objeto concreto ou abstrato, significando para a mente o próprio objeto no processo de identificação, classificação e descrição do mesmo. Quando contemplado como essência, um conceito define a natureza de uma entidade. Para Aristóteles, o conceito era comparado ao *eidos* e, de acordo com sua lógica, um conceito é a forma mais básica de pensamento (em conjunto com o juízo e o raciocínio), sendo a representação intelectual abstrata de um objeto. Nesse sentido, a conceituação tende a ser uma importante ferramenta para aqueles que almejam expressar uma ideia ou defender uma hipótese. Torna-se pertinente, então, declararmos que o próprio título deste texto anuncia seus conceitos, dotados de símbolos, como o de imagem, representação e até mesmo o de Antiguidade Tardia, como é usualmente chamado o recorte temporal de nossa pesquisa.

Em primeiro lugar, temos o termo *representação*, esse que, sem dúvida, tem sido bastante mencionado nos últimos anos no Brasil, principalmente por aqueles historiadores que partilham dos discursos elaborados em torno do que costuma-se classificar como História Cultural (SANTOS, 2011, p. 27). Contudo, muitos trabalhos

que fazem uso conceitual das representações não refletem necessariamente sobre o próprio conceito, o que tende a adoção de uma ideia indiscriminada do termo, como se ele tivesse um único significado e uma história contínua, uma vez que, mesmo as palavras, termos ou conceitos, são passíveis de mutações culturais e sociais, ao longo do tempo e espaço.

Distintos são os significados para representação na língua portuguesa. Trata-se de uma palavra de origem latina, oriunda do vocábulo *repraesentare* que significa “tornar presente” ou “apresentar de novo”. Em latim, o uso desse termo para descrever pessoas representando outras pessoas ou com o governo romano é questionado, ao menos em seu princípio, uma vez que sua destinação é primordialmente a objetos inanimados (SANTOS, 2011, p. 27). Alguns autores, preocupados com essa conceituação, afirmam que a ideia de representação contém um significado altamente complexo (PIKTIN, 1967, p. 6).

A utilização da palavra *repraesentare* foi se propagando e, segundo Santos (2011, p. 29), aumentou consideravelmente nos séculos XIII e XIV, no momento em que se pronunciava publicamente que o papa e os cardeais representavam a pessoa de Cristo e dos apóstolos. Outro exemplo remonta aos juristas medievais que começaram a usar o termo para personificar a vida coletiva. Dessa forma, uma comunidade seria uma *persona non vera sed repraesentata*. Assim, a partir desse momento, o termo representação teria passado a significar também “retratar”, “figurar” ou “delinear” e a ser aplicado a objetos inanimados que “ocupam o lugar de” ou correspondem a “algo ou alguém” (SANTOS, 2011, p. 29).

Nicola Abbagnano (2007, p. 853) afirma que representação significa “imagem” ou “ideia” ou ambas as coisas, e que esse termo foi usado pelos escolásticos para se referir ao conhecimento como “semelhança” do objeto. Já Gustavo Blázquez (2000, p. 170) declara que o significado de representação é construído em torno de quatro eixos: 1) a representação é “o ato ou efeito de tornar presente”, “patentear”, “significar algo ou alguém ausente”; 2) a representação é “a imagem ou o desenho que representa um objeto ou um fato”; 3) a representação o é “a interpretação, ou a performance, através da qual a coisa ausente se apresenta como coisa presente”; 4) a representação é “o aparato inerente a um cargo, ao status social”, “a qualidade indispensável ou recomendável que alguém deve ter para exercer esse cargo”.

O conceito de representação, de acordo com Chartier (1990, p. 74), pode ser entendido também como um “instrumento de um conhecimento mediato que revela um objeto ausente, substituindo-o por uma “imagem” capaz de trazê-lo à memória”. Havendo, então, uma forte correlação entre uma imagem presente e um objeto ausente, na qual, a própria imagem passaria a substituir o objeto. As representações, ainda segundo Chartier (1990, p. 17), podem ser explicadas como classificações e divisões que organizam a apreensão do mundo social como categorias de percepção do real. São elas variáveis, segundo as disposições dos grupos ou classes sociais; aspiram à universalidade, mas são sempre determinadas pelos interesses dos grupos que as forjam. Por fim, o autor afirma que as representações não são discursos neutros, uma vez que produzem estratégias e práticas tendentes a impor uma autoridade, uma deferência, e mesmo a legitimar escolhas (CHARTIER, 1990, p. 17).

Em nossa pesquisa, ao tratarmos de Eudóxia, foi perceptível a diferença de ideias formadas a seu respeito em um mesmo espaço-tempo. Compreendemos, então, a exposição da imperatriz, na condição de figura pública, como sendo altamente suscetível a esse tipo de distanciamento de visões. De modo geral, o conceito de representação, aqui empregado, familiariza-se mais com a concepção de imagem ou de ideia formulada, mediante símbolos políticos, sociais e culturais datados, geralmente relacionados com seu tempo. Salienta-se que a própria representação pode ser um artifício forjado tanto para ressaltar positivamente quanto negativamente a imagem de um objeto ou pessoa. Podemos pensar essas imagens como transmissoras de mensagens, geralmente associadas à época de sua produção, o que torna essencial ao pesquisador tentar interpretar as mensagens, familiarizando-se com os códigos culturais em questão (BURKE, 2004, p. 43; 46).

Pensar Eudóxia historicamente é um processo intenso, devido, por um lado, ao pouco material disponível a seu respeito, comparado a outras figuras masculinas e também femininas, e, pelo outro, mediante às situações político-religiosas que envolveram a imperatriz, e, principalmente, pela forma na qual foram escritas. Daí nossa preocupação com a formulação da imagem de Eudóxia, concebida num “confronto de representações”. Nesse sentido, temos como objetivo, neste texto, expor algumas posições referentes a essa figura imperial e dar formato a algumas ideias que vêm sendo concebidas ao longo de nossa pesquisa.

## Um pouco sobre a vida de Élia Eudóxia

Uma importante e intrigante figura feminina na Antiguidade Tardia, mais especificamente em finais do século IV e início do V, sem dúvidas, é Élia Eudóxia, imperatriz-consorte romana do Oriente, esposa do imperador Arcádio. De acordo com Filostórgio (*Historia Ecclesiastica*, 11, 6), era filha de Flávio Bauto, um franco romanizado que serviu como *magister militum* no exército romano do Ocidente durante os anos 380. Seu pai é mencionado pela última vez como cônsul romano com Arcádio, em 385, vindo a falecer em 388. Segundo Zóximo (*Historia Nova*, V), Eudóxia foi introduzida nos círculos aristocráticos de Constantinopla como membro da casa de Promoto, *magister militum* do Império Romano do Oriente. Acredita-se que ela era orfã. Sua entrada para a casa de Promoto pode indicar a amizade entre os dois *magistri* ou uma aliança política (MAYER, 2002).

Após a morte de Promoto, em 391, Segundo Zóximo (*Hist. Nov.*, V), Eudóxia viveu com Marsa, esposa do ex-*magister*, e com seus dois filhos, que foram criados junto com os filhos de Teodósio I, Arcádio e Honório. Portanto, especula-se que foi nessa época que Eudóxia travou contato com seu futuro esposo. Zóximo (*Hist. Nov.*, V) também declara que Eudóxia foi educada por Pansófilo. Wendy Mayer (2002) acredita que Eudóxia foi preparada como um futuro trunfo político, de modo a atender as ambições de ascensão social de sua família.

Em 17 de janeiro de 395, Teodósio I morreu em Milão. Arcádio o sucedeu no Oriente e Honório, no Ocidente. O primeiro foi colocado sob a tutela de Rufino, prefeito do pretório do Oriente. Supostamente, Rufino pretendia casar sua filha com Arcádio e estabelecer seu próprio parentesco com a dinastia teodosiana. Todavia, Eudóxia é quem se casa com Arcádio, sendo essa união organizada por Eutrópio, *praepositus sacri cubiculi* do imperador. O matrimônio se consumou em 27 de abril de 395, sem o conhecimento ou consentimento de Rufino. Argumenta-se que, para Eutrópio, tal união foi uma tentativa de aumentar sua própria influência sobre o imperador, além de conquistar a lealdade da nova imperatriz. Zóximo (*Hist. Nov.*, V) afirma que Arcádio foi também influenciado pela “extraordinária beleza de sua esposa”, o que foi considerado duvidoso por eruditos posteriores. Na época, Arcádio tinha cerca de dezoito anos, provavelmente a mesma idade de Eudóxia (MAYER, 2002).

A extensão da influência de Eudóxia em assuntos da corte e do Estado tem sido objeto de debate entre os historiadores. Filostórgio (*Hist. Eccl.*, 11) considera que ela era mais inteligente que seu marido, porém afirma que ela sofria de uma “arrogância bárbara”. Zózimo (*Hist. Nov.*, V) a considerava teimosa e suscetível às influências dos eunucos e mulheres da corte. Liebeschuetz (1990) considera que as fontes primárias superestimam a influência de Eudóxia, enquanto Blockey (1998) afirma que ela dominou o governo entre 400 e sua morte, em 404.

A ação de Eudóxia em assuntos eclesiásticos demonstra que ela era partidária da facção cristã que defendia o credo niceno e, segundo Sócrates (*Historia Ecclesiastica*, XVI), teria organizado procissões anti-arianas em Constantinopla. A imperatriz também presidiu celebrações públicas referentes à chegada de relíquias de mártires cristãos à Capital. Além disso, ela se juntava às vigílias noturnas. Eudóxia é relatada como ativa em questões religiosas e aparecendo sozinha em público com frequência, enquanto Arcádio permanecia, em grande parte, ausente nas solenidades imperiais (MAYER, 2002). Todavia, mesmo tendo desempenhado um papel importante em prol do cristianismo niceno, a imagem mais comum de Eudóxia é negativa, muito provavelmente pelo seu conflito com João Crisóstomo, que resultou na deposição e exílio desse último. De forma sucinta, o conflito teve início a partir do momento em que Teófilo de Alexandria disciplinou quatro monges egípcios por adotarem as ideias de Orígenes, que fugiram e foram acolhidos por João. Além disso, a inimizade entre o bispo e Eudóxia já se manifestou desde as acusações de extravagância no vestuário da imperatriz feitas por Crisóstomo (WILKEN, 1997).

Na situação supracitada temos uma situação interessante, visto que o conflito entre João Crisóstomo e a corte imperial também foi marcado pela participação de Eudóxia, acusando o bispo, e Olímpia, diaconisa da igreja de Constantinopla, defendendo-o. Esse caso foi possível, em grande parte, mediante o crescimento do ascetismo feminino e de sua participação religiosa, ao menos no Oriente.

Como inimigos de Crisóstomo, Liebeschuetz (1984) cita Eudóxia e Teófilo de Alexandria, que, em 403, celebraram um sínodo para acusar o bispo, obtendo assim sua deposição e exílio. Porém, esse “primeiro exílio” de João, durou pouquíssimo tempo, devido às rebeliões da população, que nutriam grande afeição e respeito por

Crisóstomo (SILVA, 2008; 2010).

A situação entre Eudóxia e João tornou-se bem desconfortável, porém, segundo Liebeschuetz (1990) não seria das piores, uma vez que a imperatriz, como cristã, mantinha grande respeito pelo bispo. Todavia, João Crisóstomo não cessou em fazer denúncias, dessa vez contra a dedicação de uma estátua de prata à imperatriz erigida próxima à igreja onde pregava. João Crisóstomo sustentou, em duros termos, que outra vez a imperatriz delirava e se preocupava em receber a cabeça de João em sua bandeja, aludindo aos acontecimentos envolvidos na morte de João Batista. Novamente Crisóstomo é exilado, sendo enviado para Cucuso, na Armênia, mas dessa vez ele não retornaria, morrendo em 407 quando estava a caminho de Pítio, na Trácia (*Vit. Olymp.*, 10).

### **Balanco historiográfico sobre Eudóxia**

No que se refere à bibliografia específica sobre Eudóxia, é perceptível a ausência de trabalhos a respeito da imperatriz. Todavia, existem algumas referências importantes, como a obra de Kenneth G. Holum (1982), na qual dedica um capítulo inteiro a Eudóxia. Nele, o autor traça uma espécie de biografia da mesma, focando, principalmente, em seus anos como imperatriz e nas inimizades que angariou. Todavia, o autor ressalta algumas de suas qualidades, como sua sagacidade e astúcia política.

Mais de uma década depois de Holum, Geoffrey S. Nathan (1998), ao tratar de Arcádio, é obrigado a falar de Eudóxia. Porém, o autor basicamente comenta o conflito da imperatriz com João Crisóstomo, além de ressaltar algumas informações relevantes, como o fato de Eudóxia ter sido nomeada Augusta, o que lhe conferiu uma legitimidade oficial concedida a poucas imperatrizes romanas.

Mayer (2002) dedica um verbete de enciclopédia a Eudóxia, trazendo algumas informações sobre o início de sua vida, juventude, casamento e conflitos. Porém, sem restringir-se a uma narrativa factual, a autora dialoga com diversos, ressaltando o quão comum é a imagem negativa de Eudóxia. Nesse sentido, devemos ter cuidado ao tentar trabalhar com uma “Eudóxia histórica”, diferente da representação feita principalmente por cristãos seguidores de João Crisóstomo. Ao contrário da imagem de bárbara, manipuladora e Jezebel, Eudóxia, de acordo com Mayer (2002),

também exibiu qualidades como humildade e piedade.

Mais tarde, Wendy Mayer (2006) voltaria a tratar de Eudóxia, dessa vez explorando, de forma sucinta, as contradições da imagem da imperatriz. Segundo a autora, diversas fontes desprezariam Eudóxia por seu papel ativo no exílio de João Crisóstomo, descrevendo-a como gananciosa, sedenta de poder, uma bárbara emocionalmente instável, e uma mulher suscetível. Porém, como mencionamos, há outra tradição que a retrata como uma importante e piedosa figura feminina cristã. Ambas as imagens, segundo Mayer (2006), são o produto de estereótipos baseados na crença inerente de que mulher e poder não se misturam.

### Algumas considerações

Eudóxia veio a falecer em 404 e, como mencionamos, adquiriu uma má reputação propagada e consolidada, principalmente, por escritores cristãos, que a consideravam gananciosa, manipuladora, além de ser equiparada a uma Jezebel, bem como culpada por atacar e conspirar contra um homem considerado “santo”. Convém ressaltar que essa representação negativa de Eudóxia se constituiu ao longo do conflito contra João Crisóstomo, uma vez que, antes desse acontecimento, sua representação era bem diferente, sendo vista como uma boa cristã, participativa e caridosa. Sem dúvida, a historiografia posterior, de cunho cristão, reforçou a imagem negativa da imperatriz. Temos também a imagem de uma imperatriz provinda de uma família “bárbara”, sendo astuta, inteligente e altamente controladora. Por fim, podemos destacar a própria imagem “oficial” de Eudóxia, representada por moedas cunhadas em sua homenagem.

Convém ressaltar que existe um acervo catalogado com alguns exemplares de *solidus* e de *miliarensis* produzidos durante o recorte temporal de nossa pesquisa, todos referentes a Eudoxia (KENT, 1994; SEAR, 1998).<sup>359</sup> Por meio das moedas é

---

<sup>359</sup> O *solidus* foi introduzido por Constantino, em 312 d. C., substituindo o *aureus* como a moeda de ouro do Império Romano, valendo 275 mil denários, esse, por sua vez, em constante desvalorização. Desde o século IV até o século XI a maioria dos *solidi* foi cunhada no ateliê monetário de Constantinopla. No entanto, há exemplares de *solidi* cunhados em Tessalônica, Trier, Roma, Milão, Ravena, Siricusa, Alexandria, Cartago, Jerusalém e outras cidades. Há controvérsias sobre a origem da designação monetária *solidus*, porém, alguns autores destacam que houve a intenção de fazer uma referência ao soldo, o pagamento dos soldados (PORTEOUS, 1969). Já a *miliarensis* foi a única moeda de prata regularmente cunhada durante o Império Romano tardio. Tais moedas eram fabricadas com diâmetros variáveis, geralmente com peso entre 3,8 e 6,0 gramas. A *miliarensis* foi cunhada inicialmente no século IV, sob a encomenda de Constantino (MINITT, 2003, p. 48).



possível analisar a imagem de Eudóxia nos registros oficiais, contrastando com a imagem produzida pelos documentos textuais, o que confere uma análise mais ponderada.<sup>360</sup> Nesse sentido, fica evidente que as moedas adquirem significados que vão além de uma análise econômica, uma vez que elas tornam-se difusoras de crenças, memórias, comemorações e representações daqueles homenageados em seu verso e anverso, contribuindo assim para consolidar e reforçar a autoridade dos soberanos representados nas efígies (FRÈRE, 1984, p.15).

Essa variedade documental, que envolve tanto documentos textuais como moedas, possibilita perspectivas diversificadas quanto a ideia de construção da imagem. Se por um lado, temos as moedas oficiais, como a imagem que os representados buscaram para si, do outro temos escritos de variadas vertentes.

Por fim, chegamos ao final deste texto, deixando em aberto a discussão sobre as representações de Eudóxia. Porém, é certo que a imagem da imperatriz é completamente contraditória de acordo com o momento em questão, e variável, principalmente devido a quem fala sobre ela, seja defensor ou acusador, cristão ou “pagão”, em fontes textuais ou numismáticas.

## Referências

### Documentação textual

ANONIMOUS. Life of Olympias. In: CLARK, E. A. (Ed.). **Jerome, Chrysostom, and friends**: essays and translations. Lewiston: Edwin Mellen Press, 1979.

PHILOSTORGIUS. **Church History**. Translated with an Introduction and notes by Philip R. Amidon. Atlanta: Society of Biblical Literature, 2007.

ZÓSIMO. **Nueva Historia**. Introducción, traducción y notas de José María Candau Moró. Madrid: Gredos, 1992.

### Documentação numismática

---

<sup>360</sup> Esses exemplares de moedas já foram reunidos por nós com o objetivo de serem analisados em discussões posteriores.

KENT, John P. C.; CARSON, R. A. G.; BURNETT, A. M. **The Roman imperial coinage**: The divided Empire and the fall of the Western parts. London: Spink, 1994. v. 10.

SEAR, David R. **Roman coins and their values**. London: Seaby, 1988.

### **Obras de apoio**

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

BLOCKLEY, R. C. The dynasty of Theodosius. In: CAMERON, A.; GARNSEY, P. (Eds.). **The Cambridge Ancient History XIII: The Late Empire A.D. 337-425**. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

BURKE, Peter. **Testemunha ocular**: história e imagem. Bauru: Edusc, 2004.

CHARTIER, Roger. **A história cultural**: entre práticas e representações. Rio de Janeiro: Difel/Bertrand Brasil, 1990.

FRÈRE, Hubert. **Numismática**: uma introdução aos métodos e a classificação. São Paulo: Sociedade Numismática Brasileira, 1984.

HOLUM, Kenneth G. **Theodosian Empresses**: Women and Imperial Dominion in Late Antiquity. Berkeley: University of California Press, 1982.

LIEBESCHUETZ, J. H. G. W. Friends and enemies of John Chrysostom. In: MOFFAT, A. (Ed.). **Maistor, Classic, Byzantine and Renaissance studies for Robert Browning**. Canberra: Australian Association for Byzantine Studies, 1984, p. 85-111.

LIEBESCHUETZ, J. H. G. W. The fall of John Chrysostom. In: \_\_\_\_\_. **From Diocletian to the Arab Conquest**: Change in the Late Roman Empire. Northampton: Variorum, 1990, p. 1-31.

MAYER, Wendy. Aelia Eudoxia (wife of Arcadius). In: **De Imperatoribus Romanis**: An Online Encyclopedia of Roman Rulers and Their Families, 2002.

MAYER, Wendy. Doing violence to the image of an empress: the destruction of Eudoxia's reputation. DRAKE, H. A. (Ed.). **Violence in Late Antiquity**: perceptions

and practices. Aldershot: Ashgate Publishing, 2006, p. 205-213.

MINITT, Stephen. Roman silver from Somerset. **Minerva, the International Review of Ancient Art and Archaeology**, p. 48, jan.-feb. 2003.

NATHAN, Geoffrey S. Arcadius (395-408 A.D.). In: **De Imperatoribus Romanis** - An Online Encyclopedia of Roman Emperors, 1998.

PITKIN, Hanna Fenichel. **The concept of Representation**. Berkeley: University of California Press, 1967.

PORTEOUS, John. **Coins in history**: a survey of coinage from the reform of Diocletian to the Latin Monetary Union. London: Weidenfeld and Nicolson, 1969, p. 14-33.

SANTOS, Dominique Vieira Coelho dos. Acerca do conceito de representação. **Revista de Teoria da História**, ano 3, n. 6, dez. 2011.

SILVA, Gilvan Ventura da. A deposição de João Crisóstomo e a polêmica Império/Igreja na corte de Arcádio e Eudóxia. In: CAMPOS, Adriana Pereira *et. al.* **Os impérios e suas matrizes políticas e culturais**. Vitória: Flor & Cultura, 2008, p. 53-80.

SILVA, Gilvan Ventura da. Um bispo para além da crise: João Crisóstomo e a reforma da igreja de Constantinopla. **Phoinix**, Rio de Janeiro, v. 16, p. 109-127, 2010.

WILKEN, Robert. John Chrysostom. In: FERGUSON, Everett (Ed.). **Encyclopedia of Early Christianity**. New York: Garland Publishing, 1997.